

LITERATURA DE RESISTÊNCIA E DENÚNCIA

PACHECO, Abílio. **Em despropósito (mixórdia)**.
Belém: Literacidade, 2013.

Gutemberg Armando Diniz **GUERRA**¹
Núcleo de Ciências Agrárias/UFPA
gguerra@ufpa.br

Conheci o professor Abílio Pacheco em Marabá, em uma ou outra conversa nos intervalos de aula, no Tapiri do campus I da Universidade Federal do Pará ainda não emancipada para Universidade Federal do Sudeste do Pará. Conversamos pouco, cada vez que nos vimos. Depois mantivemos correspondência por mensagens sobre sua produção e o guardei entre os meus contatos. Textos fluidos, instigantes, com cenários definidos pelas vivências de uma região que marca quem por ali tenha passado em qualquer tempo que seja. Em tempo seco, vai sentir-se a garganta empoeirada. Em tempo chuvoso, a lama colará na pele e nos calçados. Essa é uma tônica nos escritos do professor de literatura formado naquele cadinho de transformações socioeconômicas vigorosas. Depois ele veio para o litoral paraense, no Campus de Bragança, onde continua a exercer o ofício de mestre das letras, agora alçando voo para o doutorado.

Em despropósito (mixórdia) é um romance cheio de nós que prendem o leitor desde o título. Esses vão se desfazendo ao se ler o texto inteiro, como quem navega em corredeiras que vão se estreitando e, quando menos se espera haver mais caminhos por onde fluir, os nós se desfazem e o texto continua seu curso rumo ao desaguadouro. Não é uma narrativa “em despropósito”,

¹ Professor Associado do Núcleo de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Pará. Doutor em Socio Economia do Desenvolvimento pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França. Pós doutor pela Columbia Universtiy in New York City.

como ele anuncia, porque, ao contrário e a propósito, denuncia o mal-estar da natureza humana se negando ou se afirmando por suas virtudes, mazelas e animalidade.

A narrativa em primeira pessoa soa como uma confissão em divã de crimes atávicos, entranhados no DNA dos sujeitos que Abílio Pacheco constrói como personagens e se revelam a partir de seus incômodos psicológicos e físicos. Revela-se, na metade do texto, sob forma de nota que o narrador escreve a uma das personagens, como um exercício psicanalítico proposto para curar traumas acumulados na trajetória turbulenta de enjeitado de pai e desgostoso de mãe.

Não é uma mixórdia porque há um fio condutor, ou um feixe de dramas que regem a narrativa, qual seja o mal-estar de ser parte dos acontecidos e acontecidos nesse vale de lágrimas e promessa de paraíso que é o quase Estado de Carajás. Pode-se, mesmo, dizer que geograficamente é um romance da PA 150, a rodovia que liga Belém a Marabá. Historicamente contextualizado por problemas agrários que colam na alma das personagens e regem seus comportamentos. Psicologicamente trata do incesto involuntário, da relação amorosa conturbada por traições e desejos carnis presentes no jovem protagonista, e na linha freudiana, a relação de enfrentamento com um pai que está no seu nome e interferindo na sua vida de adulto querendo emancipar-se.

Enquadra-se na linha da narrativa da resistência, embora pareça se negar a ela. É resistência e denúncia do massacre de Eldorado dos Carajás, e dos abusos do poder excludente do latifúndio, do capital usurário e empresarial e do estado apropriado pelos poderosos e seus apaniguados.

Havia tempo que sentia falta de intensidade e volume de romances, contos, poesia ou literatura, de maneira genérica, impregnada das vivências da fronteira amazônica que o Sul e Sudeste do Pará representa, ou representou, para os que acreditam já não caber esse conceito a essa região completamente integrada ao circuito do capital. Há muitas evidências dos processos de violência em todos os níveis, da família aos confrontos de classes sociais, dos indivíduos ao Estado, das posses mansas e pacíficas às empresas capitalistas apropriando-

se pela grilagem de metade do mundo amazônico, nos esbulhos jurídicos e na bala de milícias privadas. Essas evidências podem ser encontradas em monografias, dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos de sociologia, antropologia, história e geografia, em noticiosos locais, nacionais e internacionais e em documentários, mas a expressão da violência na literatura e no cinema se apresenta de forma alternativa, politizada a tal ponto que não se hegemoniza, em que pese a presença hegemônica dos conflitos e da violência.

Li pensando em dar retorno desta tarefa ao professor Abílio Pacheco em comentários de leitor voraz que costumo ser, mas o texto ficou remexendo vivências que continuam presentes neste trecho entre Belém e Marabá como feridas abertas pelo sulco das estradas integradoras de espaços e desintegradoras de culturas por onde passaram seus traços de retroescavadeiras e asfalto. Essa cicatriz doída pediu para os comentários virarem resenha para provocar outros à leitura, para convocar outros à checagem deste revirar de éticas e estéticas que se entranham em quem dessas vidas resolva falar e compartilhar.

Violência de indivíduos e setores de classes dominantes contra camponeses sem terra, mulheres, crianças e uma barreira contra a construção da cidadania compõem o cenário desta peça romanesca que merece ser lida para fazer cair escamas de olhos e consciências embotados.

Para dar mais um toque de resistência, o livro é publicado por um ousado empreendimento alternativo, a Editora Literacidade, que vem produzindo um volume de textos sob formas de coletâneas e livros de autores de todo o país, o que recomenda o investimento dos autores na leitura deste lançamento.